



doi: 10.20396/rfe.v12i1.8658022

Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2019. 208p.

Alessandra Aparecida Dias Aguiar¹
Pedro Xavier Russo Bonetto²

Suely Rolnik, psicanalista, crítica de arte e cultura, curadora, Professora Titular da PUC-SP na obra *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada* (2019), traz para o debate filosófico contemporâneo a possibilidade de pensar os dias de hoje (desde os nossos modos de vida até a atual conjuntura política) a partir de conceitos psicanalíticos e filosóficos. O livro que atravessa diferentes áreas como psicanálise, filosofia e política, não trata especificamente da área da educação, mas o fio condutor criado pela autora, o que ela denomina de descolonização do inconsciente, bem como a prática micropolítica que se dá sobre os processos de subjetivação e os demais conceitos apresentados: pulsão, linguagem, desejo, imaginação, criação, afetos e outros; são absolutamente relevantes para a proposição de uma educação revolucionária e contemporânea.

A obra é dividida em seis partes: *La izquierda bajo la piel. Um prólogo para Suely Rolnik*, por Paul. B. Preciado; *Prelúdio: Palavras que afloram de um nó na garganta*; *O inconsciente colonial-capitalístico*;

¹ Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE), professora coordenadora de Educação Física -Secretaria Municipal da Educação de Jandira-SP.

² Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), professor da Faculdade Flamingo e da rede municipal de São Paulo (SME-SP).

Insurgências macro e micropolítica: dessemelhanças e entrelaçamentos; A nova modalidade de golpe: um seriado em três temporadas e Finale: Dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente.

Ao iniciar a leitura pelo prólogo, o leitor se agracia com as escritas poéticas de Paul B. Preciado, no qual faz uma síntese do livro. Na análise empreendida *Palavras que afloram de um nó na garganta*, a autora escreve um prelúdio e nos convida a perceber o sinal de alarme que dispara das subjetividades e dos desejos, sobre as nuances dos gérmenes de mundos fecundados em nossos corpos. Segundo a autora, para as comunidades indígenas Guarani, a palavra garganta tem um significado “ninho das palavras-alma” onde as palavras têm alma, com base nesta simbologia Rolnik sugere que possamos desatar os nós de afetos que produzem em nossa garganta.

O primeiro capítulo, *O inconsciente Colonial-Capitalístico*, discorre sobre os efeitos em nossos corpos, o abuso da vida “cafetinada”, em que a base da economia capitalista nos agencia, controla e limita. Dessa forma, a autora sugere a busca de potência de criação em nós mesmos, para liberar a vida de sua cafetinagem, trazendo como exemplo, a fita de Moebius: uma superfície topologia na qual o extremo, de um dos lados, continua no avesso do outro e propõem que cada leitor faça com a fita o seu próprio caminhando. Em dada perspectiva, o movimento dos afetos que nos levam na conservação das nossas formas, onde a vida se encontra materializada, em outra, a força da vida em sua potência de germinação, esses dois movimentos acionam o alarme, que convoca o desejo a agir e buscar um equilíbrio vital entre a forma e a potência. Ainda neste capítulo a autora apresenta uma proposta micropolítica ativa, pautada na bússola ética, isto é, onde o movimento deve apontar sempre em favor da vida como força de criação. Para o autor que investiga a área da educação tal compreensão micropolítica dos fatos deve fazer repensar todas as práticas educacionais em voga, uma vez que muitas delas ainda que bem-intencionadas, funcionam pela via oposta do pensamento.

No segundo capítulo, Suely Rolnik discorre sobre o neoliberalismo e (neo) conservadorismo, bem como os efeitos dessas forças reativas do capitalismo que vão subjetivando as vidas e causando um mal-estar patológico, despotencializando os sujeitos. Esse mal-estar descrito pela autora acaba sendo um disparador de um alarme que nos convida a agir e atuar não apenas na esfera macro, mas, principalmente, nas micropolíticas ativas. A autora faz uma comparação entre as macropolíticas que estão relacionadas ao ato de denunciar, empoderar, pautada na bússola moral, que opera pela negação e que tem uma ligação com as questões de identidades, pensando em construir movimentos e organizações. As práticas micropolíticas, ao anunciar, potencializar, pautadas na bússola ética, operando pela afirmação e estão atreladas aos afetos para a construção do comum. No fim deste capítulo a autora faz uma ressalva importante destacando a relevância das macropolíticas para a sociedade, ainda que centralize sua tese nas micropolíticas como alternativa de uma vida não cafetinada.

No terceiro capítulo, dedica-se a explicar a nova modalidade de golpe - um seriado em três temporadas, onde os liberais e os neoliberais assumem o poder financiado pelo capitalismo e dissolvem no imaginário das pessoas, uma narrativa de destruição dos governos democráticos. Rolnik faz um roteiro descrevendo esse seriado, onde a primeira temporada do golpe no Brasil estreia em 2004, com notícias de denúncias de pagamentos do “Mensalão³”, deixando multidões de brasileiros, raivosos com as notícias de corrupção no país, o que leva posteriormente uma multidão às ruas para protestarem contra a situação no qual se encontrava o país. Na segunda temporada, o foco foi no desmonte da constituição, na reforma trabalhista e no ataque as universidades e o discurso de privatização de bens estatais, enquanto há uma narrativa de denúncias de corrupção, poupam-se as dívidas de bancos privados.

³ Denúncias que consistiu nos repasses de fundos de empresas, que faziam doações ao Partido dos Trabalhadores (PT) para conquistar o apoio de políticos.

De acordo com a autora trata-se de uma estratégia de regimes totalitários e que está em curso no Brasil, tendo a palavra de Deus como universal, promovendo um surto conservador no país. Na terceira temporada, provavelmente o país receberá de braços abertos um salvador “civilizado”. Fim do seriado. Golpe concluído descreve a autora. Para que esse fim seja concluído, criou-se uma narrativa de culpabilização contra os governos democráticos, sendo acusados como verdadeiros vilões da crise no país. Em síntese, esse foi o novo tipo de golpe do capitalismo neoliberal, constitui-se num complexo conjunto de operações macro e micropolíticas na sociedade. É importante destacar, que durante o golpe houve uma nova forma de resistência, como por exemplo, os novos movimentos sociais, das mulheres, dos LGBTQI⁴, dos afrodescentes, dos indígenas e as lutas por moradias, onde cada um desses movimentos ganharam novas forças. Para o leitor da área de educação é possível que as análises empreendidas aqui sirvam para contextualizar questões como a privatização da educação, a crescente desvalorização da profissão docente, o descrédito nos conhecimentos científicos, assim como os movimentos como “Escola Sem Partido” e aqueles contra “Ideologia de Gênero”.

No fim, Suely Rolnik escreve dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente, dentre elas:

1) *Desanestesiarm nossa vulnerabilidade às forças*. Ou seja, compreender que algumas forças macropolíticas anestesiaram os sujeitos prendendo-os em regimes dominantes de subjetividade.

2) *Ativar e expandir o saber eco-etológico ao longo da nossa existência*. Trata-se de se compreender na condição de vivente, que forças produzem efeitos no nosso corpo, o qual pertence a essa mesma condição e a compartilha com os elementos que compõem o corpo vivo da biosfera.

3) *Desobstruir cada vez mais o acesso à tensa experiência da estranheza-no-familiar*. Permitir-se participar de experiências que te descolam de certas posições.

⁴ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, *Queer* e Intersexo.

4) *Não denegar a fragilidade do estado instável em que tal experiência nos lança.* Relaciona-se com a desterritorialização e desestabilização que o estado estranho-familiar promove.

5) *Não interpretar a fragilidade e seu desconforto como “coisa ruim”.* Esta situação de desconforto não é um erro, o mal-estar é da condição, não do sujeito.

6) *Não ceder à vontade de conservação das formas de existências.* Há sempre uma pressão que se exerce contra a vontade de potência de vida em seu impulso de produção de diferença. Ao contrário, precisamos atualizar o mundo virtual, permitindo que as formas agonizantes acabem de morrer.

7) *Não atropelar o tempo do desejo em sua ética de afirmação da vida.* Para evitar o risco de interromper a germinação de um mundo novo. Destaca-se que a imaginação não é uma capacidade criativa dissociada da vida, que apenas produz novidades, as quais multiplicam as oportunidades para os investimentos de capital.

8) *Não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida.* O que implica em mantê-la o mais possível fecunda a cada momento, fluindo em seu processo ilimitado de diferenciação de formas e valores.

9) *Não negociar o inegociável.* Aquilo que obstaculiza a afirmação da vida, em sua essência de potência de criação.

10) *Praticar o pensamento em sua plena função ético-estético-clínico-política.* Isto é, reimaginar o mundo em cada gesto, palavra, relação com o outro, modo de existir.

Recomendamos a aventura da leitura, pois além das escritas provocativas, das reflexões filosóficas, psicanalíticas e políticas, a obra promove, primeiro via a alegoria da fita de *Moebius* e depois com o seriado do golpe jurídico parlamentar ocorrido no Brasil em 2016, uma análise interessante e propositiva. As dez sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente também são elementos que propiciam a reflexão de uma forma interseccional, potencializando o pensamento criador e micropolítico. No âmbito educacional as sugestões destacadas acima nos

convidam a pensar ações, currículos, práticas pedagógicas, que aliadas às atividades macropolíticas presentes dentro da escola, tenham como características a potencialização da vida e do pensamento, em suas infinitas condições de diferença.

Submetido em: 09/01/2020

Aceito em: 23/06/2020

Publicado em: 30/08/2020